

## O TEMPO VOLTAIRIANO<sup>1</sup>

Marcos Antônio Lopes  
UNIOESTE — PR

Resumo: este artigo pretende analisar a concepção do tempo histórico no Século das Luzes. A visão voltairiana do tempo da história — ou de suas várias dimensões — aparece como o elemento central da discussão. O texto pretende demonstrar que Voltaire não esboçou qualquer discussão acerca da idéia do tempo histórico, mas que, em sua obra de historiador, esta idéia está presente como uma dimensão intrincada e complexa.

Palavras-chave: Filosofia da História; Iluminismo; Tempo Histórico; Voltaire.

Abstract: this article aims to analyze the conception of the historical time in the Enlightenment. The *voltairienne's* vision of the time of the history — or of its several dimensions — appears as the central element of the discussion. The text intends to demonstrate that Voltaire didn't sketch any discussion concerning the idea of the historical time, but that in its historian work this idea is present as a dimension confuse and complex.

Key-Words: Philosophy of the History, Enlightenment, Historical Time, Voltaire.

---

<sup>1</sup> Este texto é adaptação de um dos capítulos de nossa tese de doutorado *Voltaire, a história, o príncipe e a virtude*, defendida no Depto. de História da Universidade de São Paulo em 1999.

**E**stá longe de nossa intenção neste artigo dizer a última palavra acerca da idéia de tempo histórico em Voltaire. Abordar simplesmente o assunto já se afigura atitude bastante temerária. Isto porque não percebemos uma ordem rigorosa desse problema, nem mesmo o menor esforço de sua parte objetivando uma conceituação mais extensa e rigorosa sobre essa matéria. Seria realmente anacrônico esperar uma resposta explícita de Voltaire a este respeito. De mais a mais, o volume de sua obra inibe este esforço. É bom lembrar, ainda, que o século XVIII assistiu à convivência de noções diversas do tempo da história entre aqueles que escreveram sobre ela. Contudo, o problema do tempo histórico em Voltaire nos leva à sua concepção do príncipe como agente privilegiado da realização do bom governo, e é sob este enfoque geral que trataremos da questão.

Acerca do tempo histórico em Voltaire, é preciso levantar, de início, uma aparente contradição. Sendo a Idade Média uma noite de tormentas, como explicar a crença num fluxo ascendente de civilidade, traço característico de sua concepção? De que modo sustentar uma ascensão inexorável da civilidade, sendo que entre a Antigüidade Clássica e o tempo presente havia um abismo de escuridão? Parece que isto se resolve por uma certa idéia de plenitude de uma única época. Até aí, o progresso calçou “sapatos de chumbo”, para usar uma imagem de Paul Hazard. A partir daí, uma linha de continuidade do tempo histórico passa a existir de modo mais perceptível. Esta idade da plenitude é o século de Luís XIV. Então, a continuidade do progresso passará a ser uma constante. Tudo o mais, em direção ao passado — excetuadas as ilhas de prosperidade definidas em sua teoria dos grandes séculos, com a qual abre sua obra maior, *Le siècle de Louis XIV* — é “idade de ferro”<sup>2</sup>.

A dedicação de Voltaire ao “século de Luís XIV” deve-se ao fato de ter atribuído a este período uma paternidade inequívoca dos grandes progressos sentidos e vividos no decorrer de sua longa existência. Seu interesse em ressaltar a dilatação da civilidade, o refinamento das regras de bem-viver e falar o conduziram ao Grande Rei. Aliás, seus príncipes-modelo serão tanto mais exaltados consoante a contribuição que deram para o refinamento da vida social. Quando ele lhes canta os

---

<sup>2</sup> Para a designação de três obras de Voltaire, recorrentemente citadas ao longo de nosso texto, utilizaremos formas abreviadas do título completo. Em alguns casos, quando não houver referência por extenso próxima às citações entre aspas, remeteremos o leitor à *Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre le Grand* pela indicação das letras *HR*, em itálico, entre parênteses. A mesma convenção será aplicada a *Le Siècle de Louis XIV*, identificada pelas letras *SL* e a *Histoire de Charles XII*, referenciada pelas iniciais *HC*. Em diversas passagens tais obras serão citadas por traduções de seus títulos, em português. Mas é sempre ao texto original que remeteremos o leitor.

louvares não é por "... ter mantido uma tradição, conservado ou restaurado o passado. Ele os celebra como os artesãos autoritários do progresso" (POMEAU 1994a: 80). Seus temas históricos, se não são exatamente contemporâneos ao autor, estão, em sua maior parte, muito próximos a ele; é inegável que Voltaire se debruça com maior interesse sobre questões que lhe propiciem compreender a história do tempo presente. Como afirma um de seus mais representativos intérpretes, "Voltaire faz história pensando no presente. Debruçado sobre a ação, ele busca no passado lições, ou melhor, armas; (...) Ele é, talvez, o único historiador que escreveu história para maldizer os bons velhos tempos" (POMEAU 1994a: 69-71). Ao que parece, Voltaire vive o futuro com expectativa, porque é nessa dimensão que ele concentra suas mais caras esperanças para o gênero humano.

Apesar do "travo da decepção", ele se interessa pela história do tempo presente<sup>3</sup>. É esta história que lhe atrai a atenção, a ponto de ter escrito muito mais textos sobre temas contemporâneos que sobre assuntos de maior profundidade cronológica<sup>4</sup>. Voltaire recusará o enraizado pressuposto, em seu tempo, de que a história mais digna é a história antiga. Escrevendo na década de 1770 contra alguns fisiocratas que combatiam a Colbert e a Luís XIV, ele observou a esse propósito: "Seja dada à razão, que enfraquece algumas vezes na velhice, preservar-me desse defeito demasiado ordinário de elevar o passado às expensas do presente. Eu sei que a filosofia, os conhecimentos úteis, o verdadeiro espírito nunca fizeram tantos progressos entre os homens de letras quanto nos dias que estou vivendo" (1957: 1284)<sup>5</sup>.

De fato, o que há de mais considerável no conjunto de seus textos históricos situa-se no século XVIII. Ele crê ser mais relevante aquela história que deu origem ao seu próprio mundo. Nas "Remarques sur l'Histoire" Voltaire considera que os homens precisam ter alguma tintura da história antiga, mas os aconselha a começar sua instrução pelo estudo da história "... no tempo em que ela se torna verdadeiramente interessante" para os franceses de seu tempo, ou seja, por volta do fim do século XV, porque aí estão as fundações de sua época. (VOLTAIRE 1957: 44). O valor que ele atribui à história mais recente está exposto

<sup>3</sup> "O histórico não é o antigo, o ultrapassado, o inatual, mas o centro mesmo da atualidade, aposta do futuro" (GUSDORF 1960: 225).

<sup>4</sup> Em P. Gay encontramos uma justificativa para o fato de que, no século XVIII, algumas pessoas tendiam a cair no canto de sereia da história antiga: "The reasons why 'men have always deplored the present and extolled the past' lay in men's desire to escape their misery" (1977: 97).

<sup>5</sup> "Défense de Louis XIV contre l'Auteur des Éphémérides", texto de 1775. E Voltaire faz o seu desabafo um pouco adiante: "Hoje, está na moda degradar os grandes homens", resposta também endereçada a Rousseau, que ousara falar de Pedro da Rússia, em termos incompatíveis. (1957: 1289).

também no texto “Nouvelles considérations sur l’Histoire”: “Enfim, esta história antiga me parece, em relação à moderna, o que são as velhas medalhas quando comparadas às moedas correntes: as primeiras estão restritas aos gabinetes; as segundas circulam no universo, pelo comércio dos homens” (VOLTAIRE 1957: 49).

Sua teoria dos grandes séculos parece camuflar uma concepção de cronologia que não é nova na Europa, datando da Renascença, sendo depois fixada por Cellarius, em meados do século XVII. De fato, a idéia de quatro idades de esplendor se reduziria a duas grandes épocas, em pares contíguos: séculos de Péricles e de Augusto, séculos dos Médicis e de Luís XIV, sem solução de continuidade no interior de cada par<sup>6</sup>, ou, se quisermos, Grécia e Roma num extremo, Itália e França no outro. Não há ruptura verdadeira no interior das duas grandes épocas; porém há um abismo entre elas. Mas, para contrariarmos Gusdorf, pensamos que Voltaire identifica saltos qualitativos tanto no que se refere a paralelos entre as duas épocas — e nesse sentido ele está do lado dos “Modernos” — quanto no que tange ao desenvolvimento dentro dos pares. Os romanos tendem a suplantam os gregos, e o século de Luís XIV ultrapassa o dos Médicis. Vejamos alguns exemplos tomados à história da França. O importante mecenato de Francisco I não tem qualquer importância perto da realização de Luís XIV; a obra civilizadora de Richelieu é pouco considerada. Em suma, Voltaire vai observar que os franceses passaram a existir depois de Luís XIV, e que antes desse rei eram até mercedores das injúrias dos italianos, que os tomavam por bárbaros (Cf. *SL* VOLTAIRE 1957: 618).

Se adotamos esta idéia de uma época de plenitude como válida para a interpretação do tempo histórico em Voltaire, a perspectiva de Georges Lefebvre se torna insuficiente. Nos diz Lefebvre que, “Devido ao papel que atribui aos indivíduos e ao acaso, [a história iluminista] elimina também a noção de desenvolvimento histórico, a continuidade, enquanto que sua concepção determinista do mundo deveria, pelo contrário, pôr esta continuidade em evidência” (1974: 128). O que o autor tenciona apontar é uma contradição na história dos contemporâneos de Voltaire, porque se não há continuidade quanto ao passado, haverá a partir do tempo presente. A nosso ver, o que se assemelha a uma contradição, ao menos nos textos voltairianos, constitui-se, na verdade, numa limitação voluntária. É mais ou menos como dizer: o passado

---

<sup>6</sup> Na interpretação de Ernst R. Curtius, “O classicismo do século de Péricles é inserido – um tanto violentamente – na época de Alexandre” (CURTIUS 1996: 334). Para Georges Gusdorf, “Sua história possui uma única dimensão, ela desconhece a multiplicidade dos tempos, a diversidade das épocas. Ela não simpatiza, ela julga; ela condena em bloco tudo o que não está de acordo com os valores que ela defende (...) ela pretende inscrever o conjunto do passado no espaço mental do presente” (GUSDORF 1960: 226).

não valeu a pena, construamos o futuro com os recursos que o presente nos entrega<sup>7</sup>.

Dessa concepção, extremamente otimista do tempo de Luís XIV, resulta a imagem de um reino e de um Rei sem rival nem paralelo na história. A figura de Luís XIV será o ponto de referência da história efetiva da Europa, mesmo antes de o príncipe desempenhar qualquer papel relevante em sua tapeçaria política. Antes de se tornar propriamente o grande rei maquinista, ele é um vulto que já aparece sempre ao fundo: no tempo da menoridade do rei, na época que assumiu o poder etc. Desde o início, o monarca será representado muito acima do tamanho natural. Como diz o autor em sua "Lettre à Milord Hervey", que antecede seu *Le Siècle de Louis XIV*, "non seulement il s'est fait de grandes choses sous son règne, mais c'est lui qui les fait" (1957: 611). Esta concepção do tempo acelerando-se por grandes saltos parece permitir uma leitura identificada com a idéia de idade mítica. O texto de Jacques Le Goff, ("Idades Míticas"), nos instiga a esta aplicação, na medida em que afirma que "Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores em face do desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, segundo uma certa ordem" (1984: 311). O mesmo afirma Cassirer, mas com referência explícita a nosso autor: "Mesmo Voltaire 'encontrou no passado seus próprios ideais; eis porque o culminar da sua obra é *Le siècle de Louis XIV*'" (Citado em LE GOFF 1984: 347).

Está claro que uma tal interpretação da história, conforme abordada por Le Goff, nasce e floresce em sociedades cuja matriz de pensamento político e de visão cosmológica é essencialmente transcendente. Mas, o Século de Luís XIV parece constituir-se, em Voltaire, numa espécie de época de ouro, segundo o sentido clássico que a expressão comporta. Idade mítica, provavelmente, mas com sua dimensão apenas fundadora. Isto porque tal noção não vem acompanhada por seu corolário

---

<sup>7</sup> Logo nas primeiras páginas de seu *Le siècle de Louis XIV*, Voltaire revela o que é a sua visão da época de maior esplendor em todos os tempos da aventura humana pela terra: Tout les temps on produit des héros et des politiques (...) Mais quiconque pense, et, ce que est encore plus rare, quiconque a du goût, ne compte que quatre siècles dans l'histoire du monde. (...) Le quatrième est celui qu'on nomme le siècle de Louis XIV, et c'est peut-être celui des quatre qui approche la plus de la perfection (...).[E mais à frente]: Je porte les yeux sur toutes les nations du monde, et je n'en trouve aucune qui ait jamais eu des jours plus brillants que la française depuis 1655 jusqu'à 1704. Je prie tous les hommes sages et désintéressés de juger si un petit nombre d'années très malheureuses dans la guerre de la succession doivent flétrir la mémoire de Louis XIV. (VOLTAIRE 1957: 616-617).

natural, a idéia de decadência, noção típica de concepções cíclicas do tempo, ainda presentes no século XVIII<sup>8</sup>. Como observa Pierre Chaunu, “O tempo de Voltaire é um tempo próximo: *O Século de Luís XIV*, cujo exemplo propôs aos déspotas esclarecidos, é para ele e para toda a Europa das Luzes o ponto de partida de uma nova idade; o seu tempo histórico é o das etapas da civilização. (...) Esta preferência por um tempo próximo, que é um tempo denso, não exclui a preocupação por um passado remoto que recua ao começo da história da civilização. Ocasão para vibrar algumas setas. O século XVIII tem a preocupação das origens” (CHAUNU 1985: 261-262 vol. 01).

Outra nuance, se desejamos aplicar esta leitura à noção voltairiana do tempo histórico, é a de que o dito “Século de Luís XIV” não é visto como paraíso, perspectiva até estranha no enquadramento de um autor extremamente impermeável ao sentido simbólico e aos mitos das origens. Esta época Voltaire a vê sob o signo de um desenvolvimento *fantástico*. O que nos permite conjectura dessa natureza é o festival de hipérboles com que circunscreve este tempo. Com efeito, o Século de Luís XIV não marca um início ideal do mundo, mas apenas uma etapa de arrancada numa escalada sem retorno aos tempos de obscurantismo. Nesse sentido, em sua tipologia dos grandes séculos, as conquistas da época de Filipe da Macedônia e de Alexandre Magno, de Augusto e de César, bem como a dos Médicis vêm se casar com uma época ainda maior. Aí começa o verdadeiro progresso das nações.

Como diz Paul Hazard: “Voltaire respira, retoma coragem, recupera a alegria, quando chega a um dos séculos que se assemelham a habitações acolhedoras no meio de desertos selvagens...” (1989: 233). Voltaire recusa os mitos, mas, sem criar propriamente o mito de Luís XIV, foi seu maior artífice no século XVIII, ao afirmar que “O tempo, que faz amadurecer as opiniões dos homens, tem consagrado sua reputação; e apesar de tudo o que se tem escrito contra ele, não se pronunciará nunca seu nome sem respeito, e sem unir a ele a idéia de um século eternamente memorável” (SL VOLTAIRE 1957: 950). A exemplo de Campanella que, como sabemos, morreu na França exaltando o reinado de Luís XIII após amargar longos anos de prisão na Itália, Voltaire também vê “... a França como sendo a monarquia do século da felicida-

<sup>8</sup> Em *L'ordre du temps*, K. Pomian nos mostra que, ao longo do século XVIII, nem mesmo o já triunfante *fio condutor* de uma ampla interpretação do sentido da história, a idéia de progresso, era capaz de eliminar antigas idéias remanescentes sobre o tempo histórico: “... as relações entre o tempo cíclico e o tempo linear tornaram-se, nos séculos XVII e XVIII, um foco de controvérsias e um problema para aquele que queria chegar a uma posição cronosófica global e coerente”. E mais adiante: “No curso do século XVIII se afirmam filosofias da história que definem a direção do tempo como uma regressão” (POMIAN 1984: 53 e 58, respectivamente).

de [e em Luís XIV] o monarca universal da Idade de Ouro" (LE GOFF 1984: 334). De qualquer forma, o Príncipe das Luzes fundou a tradição que pretendia, ao transformar, num período histórico completo e autônomo, uma época restrita a não mais que vinte e cinco anos, que se estende dos anos 1661 à Revogação do Edito de Nantes em 1685. Mas o que vem a ser este "Século de Luís XIV", imortalizado por ele? Dirigindo-se, por carta, em 1740, ao Ministro da Justiça da Inglaterra, milord Hervey, Voltaire se exprime sobre esta questão:

*Sobretudo, não vos zangueis tanto comigo por haver eu chamado o último século, o século de Luís XIV. Bem sei que Luís XIV não teve a honra de ser nem o soberano nem o benfeitor de um Boyle, de um Newton, de um Halley, de um Addison, de um Dryden; mas no século que se denomina de Leão X, foi esse papa Leão X o autor de tudo? Não houve outros príncipes que contribuíram para ilustrar e esclarecer o gênero humano? Entretanto, o nome de Leão X prevaleceu por ter ele encorajado as artes mais que qualquer outro. E que rei, pois, nesse sentido, prestou maior serviço à humanidade que Luís XIV? Que rei espalhou mais benefícios, manifestou melhor gosto e destacou-se pela construção dos mais belos edifícios? Não fez ele tudo que podia fazer, sem dúvida porque era homem; fez, porém, mais que qualquer outro, porque era um grande homem (VOLTAIRE 1957: 608).*

Pierre Barrière observa que "Na realidade, o que se chama o 'Século de Luís XIV'... é mais um sistema cuja perfeição foi alcançada em torno de Luís XIV talvez mais que em e por Luís XIV (...) que as idéias tenham saído da pessoa ou que a pessoa haja sido modelada pelo papel que assumia, pouco importa. Sem dúvida, houve um esforço renovado para criar outras pessoas suscetíveis de substituir a esta, o Delfim, o duque de Borgonha, o futuro Luís XV; em vão, o milagre não se reproduzirá. Então, Luís XIV permanece como um símbolo, o de uma época que teve prazer em imaginar uma humanidade superior de reis (...). Nesse sentido simbólico é que se pode falar do 'Século de Luís XIV', associando assim na mesma fórmula o século e o homem que ele representa" (BARRIÈRE 1960: 91).

É preciso notar que, no *Século de Luís XIV*, há uma organização rigorosamente linear dos eventos analisados. Sua abordagem das matérias salta de grande evento em grande evento. No início dos parágrafos ou no interior deles aparece o ano em que o autor coloca em foco. Quase nada escapa dessa regra de analista, o que também parece ser válido para a avaliação de outras obras como a *História de Carlos XII* e a *História da Rússia*. Mas não se trata, evidentemente, de um método cronológico aplicado à moda antiga. Ele recheia sua narrativa com análises sagazes que o distanciam da *secura* dos anais, daquela nua e crua narrativa dos eventos. Nesse ponto, rompe mais uma vez com a história dos Mézeray e dos Daniel, porque por trás das cabeças reluzentes de grandes príncipes faz surgir partes dos membros de seus súditos: "Historiador de circunstância, mas historiador por vocação,

ele desloca o centro da história do príncipe em direção aos povos” (POMEAU em VOLTAIRE 1990: 33)<sup>9</sup>.

No que se refere ao *Ensaio sobre os costumes*, sua concepção do tempo histórico se altera radicalmente. Com passadas mais largas, e um olhar que tenciona abarcar o universo, ele rompe as regras que havia se imposto. Sua perspectiva das ilhas de excelência, sua teoria dos grandes séculos perde seu alcance. A teoria dos grandes séculos só se encaixa quando a análise recai sobre as nações ocidentais. Não houve um século de Péricles na Índia, seguido de suas respectivas épocas de ouro. O máximo que pode acontecer é Voltaire encontrar um déspota esclarecido *avant la lettre* em alguma região da Ásia, o imperador da China, por exemplo, que pune seus súditos desobedientes fazendo-os desfilar sem chapéu três meses inteiros nas procissões, em vez de aplicar-lhes uma tortura física ou uma pena capital.

A idéia de que o tempo histórico é descontínuo, no sentido de se valorizar sua realização criadora, se afirma, de modo mais claro, no Século das Luzes<sup>10</sup>. Mas esta idéia já existia no século anterior, evoluindo “... para transformar-se em opinião bastante comum entre os *hommes de lettres* do século XVIII (...). O século XVII (...) encarava o progresso em termos de um acúmulo de conhecimentos através dos séculos, ao passo que para o século XVIII a palavra implicava uma ‘educação da humanidade’... cujo fim era coincidir com a maioridade do ser humano” (ARENDRT 1985: 14-15). Sobre este aspecto, Cassirer aponta na mesma direção, ao considerar que “Estes [os intelectuais], se olhavam para o passado, era na intenção de preparar um futuro melhor. O futuro da humanidade, a criação de uma nova ordem política e social, era seu grande tema e sua real preocupação” (1961: 225). Este é o pressuposto para a idéia de progresso, pela conexão entre as gerações sucessivas. As várias épocas se apóiam umas nas outras para construir a evolução das sociedades.

Para efeito de uma melhor ilustração do tempo histórico na obra de Voltaire, tentemos contrapô-lo à concepção maquiaveliana. Inegavelmente, há uma contradição insuperável entre eles enquanto historiadores: suas concepções sobre tempo histórico. Ambas visões percebem a história como um movimento dinâmico, mas onde Maquiavel só enxerga ordem/desordem, sem solução de continuidade, Voltaire vê exata-

<sup>9</sup> Contudo, o próprio Pomeau considera, como boa síntese para o *Ensaio sobre os costumes*, a seguinte definição: “Uma história dos costumes com aparência *événementielle*” (POMEAU em VOLTAIRE 1990: 34).

<sup>10</sup> “Este afastamento do conceito de moderno em relação à Antigüidade constitui a pouco e pouco, no século XVIII, uma história evolucionista e uma teoria do progresso. Depois da história providencialista da Igreja, depois da história cíclica dos Humanistas e dos Reformados, é chegado o tempo de uma história aberta” (FURET S./d.: 195).

mente a relação oposta, que perdura até o século XVII, com a definitiva arrancada do dito século de Luís XIV. O historiador de Florença trabalha no interior de uma concepção cíclica do tempo histórico. Nesse aspecto, ele se manteve completamente fiel à tradição da historiografia humanista do *quattrocento*, pautada pela perspectiva de que a história gira sobre as “rodas da vicissitude”<sup>11</sup>. Sua novidade: desacelerações bruscas e decadência são as regras que imprimem a marca mais profunda no movimento histórico. Ao estudar a história de Florença, num período que ele considerava marcado pela corrupção dos valores políticos e morais, esteve sob o impacto de seu contexto, época por ele considerada como uma espécie de fundo do poço da história. O fim da República florentina e o triunfo dos Médicis representava uma parada brusca, porque culminava em decadência das formas políticas. Como afirma Newton Bignotto, “... enquanto os autores antigos viam no movimento do tempo o motor para o aparecimento da diversidade constitucional, Maquiavel enxergava apenas a alternância entre a ordem e a desordem” (1996: 188). No mesmo sentido vai a argumentação de Robert Nisbet, quando nos lembra que “Maquiavel vê, na história, altos e baixos, assim como retornos cíclicos (*ricorsi*). Essa mente extraordinária não aceitava qualquer crença num progresso da humanidade, a longo termo, que fosse irreversível” (1980: 118)<sup>12</sup>.

A concepção voltairiana do tempo histórico é bem mais desenvolvida, uma vez que incorpora as conquistas dos séculos XVII e XVIII sobre o humanismo do século XVI, época em que Maquiavel escreveu sua *Istorie Fiorentine*. A este propósito, faz sentido a referência de Hanna Arendt (1985) que, citando o filósofo russo Herzen, observa que “O desenvolvimento humano é uma forma de injustiça cronológica, uma vez que aos retardatários é dado tirar proveito do trabalho de seus predecessores sem pagar o mesmo preço”. Nesse caso, onde estaria de fato o mérito de se ressaltar a superioridade dos modernos na famosa “Battle of the Books” – título da obra escarneadora de Swift (1704) —, que se iniciou na Itália do século XVII, se alastrando por toda a Europa e se arrastando até Condorcet, na segunda metade do século XVIII francês?

O tempo histórico de Voltaire não conhece regressões periódicas das sociedades, e o conceito de corrupção, que em Maquiavel abrange o

<sup>11</sup> Como afirmou Francis Bacon em seu ensaio “Of Vicissitude of Things”, para caracterizar as arrancadas, derrapagens e freadas da história humana: “Não é bom contemplar por muito tempo o girar dessas rodas da Vicissitude, sob pena de termos vertigem” (Citado em WHITROW 1993: 153).

<sup>12</sup> Em sentido análogo, Reinhart Koselleck considera que seria possível, a essa história, até mesmo o conhecimento do futuro: “Não nos surpreenderemos de ver o modelo cíclico antigo, valorizado por Maquiavel, beneficiar-se de um emprego generalizado. A faculdade de repetição própria a essa experiência da história prendia, ao passado, o futuro previsível” (1990: 31).

mundo moral, político e natural, no Príncipe das Luzes é, no máximo, uma parada esporádica, uma tendência passageira a ser superada. Isto para dizer que ele concebe o tempo como uma aceleração progressiva, linear e contínua. Sua visão de progresso pode ser caracterizada como a perspectiva contemporânea solidamente constituída em nosso século XX, a de que “O avanço do inferior para o superior deve parecer tão real e certo como qualquer outro aspecto das leis da natureza” (NISBET 1980: 17). Voltaire vê o progresso atuando em todos os campos, mas principalmente na língua. É por isso que ele formulou a questão: como pôde a história da França começar com São Bartolomeu e terminar com La Fontaine? Ênfase posta também nas artes, nas ciências e na técnica. Em Voltaire, progresso técnico e aprimoramento moral da humanidade andam juntos, concepção que motivou suas virulentas estocadas contra Rousseau. Não houve propriamente uma idade de ouro, mas houve uma idade de decadência, a Idade Média. A única época capaz de lembrar uma hipotética idade de ouro é o seu próprio tempo, preparado por Luís XIV. Para Voltaire, o começo da história havia sido infeliz, mas o porvir seria promissor.

Um traço da historiografia do século XVIII do qual Voltaire dá mostras de reconhecer e compreender como de suma importância é a “cadência” diferenciada das sociedades no tempo, ou seja, a relatividade dos valores culturais. Contudo, sua capacidade de se *espantar* diante do passado verdadeiramente não é muito notável; a Voltaire falta maior clareza de que as sociedades, passadas e presentes, estavam constituídas por *tempos históricos*<sup>13</sup> específicos, ou seja, por concepções culturais muito diversas do mundo moral e da natureza. Sua concepção de que a natureza humana seria mais ou menos idêntica em todas as épocas é sintomática dessa carência, ou melhor, dessa falta de sensibilidade quase voluntária de nosso autor. Mas, não se pode deixar de reconhecer que o pensamento histórico das Luzes conectou mundos separados por enormes distâncias, fazendo crer na continuidade entre as várias épocas, pela recusa das interpretações cíclicas envolvendo destruição e colapso total das culturas. Ao se aproximar das sociedades antigas, acabou pecando por excesso de familiaridade. Como lembra Pierre Barrière: “Rousseau toma evidentemente a sério sua prosopopéia de Fabrício; Cincinato, como temos dito, se incorpora a Washington e a

<sup>13</sup> Empregamos a expressão no sentido utilizado por Reinhart Koselleck: “... o tempo histórico – se esta noção pode ter sentido – está ligado a conjuntos de ações sociais e políticas, a seres humanos concretos, ativos e passivos, às instituições e organizações que deles dependem. Todos adotam modos de execução precisos, inerentes somente a eles com, a cada vez, um ritmo temporal próprio” (1990: 10). Uma avaliação crítica acerca da especificidade do tempo histórico na obra de Koselleck, q. v. em (REIS 1994b). Acerca da necessidade de reconstrução dos diferentes tempos da história pelo historiador, que tenciona enfocar um objeto a ele *estranho*, q. v. (SALIBA 1988).

Franklin; Mably e outros sociólogos tornam popular a dura igualdade lacedemônia. A Antigüidade, pois, da formação intelectual tende a passar à vida, em uma deformação recíproca de uma e outra" (BARRIÈRE 1963: 233). Sob esse ponto de vista, um outro autor considera que "A filosofia abole a história quando nega a diferença entre o passado e o presente e reduz as diferenças históricas ao tempo presente do Espírito. A consciência histórica historicista nasce da compreensão desta diferença e da renúncia de procurar a fórmula básica da história do mundo" (REIS 1996: 08).

O Iluminismo inaugura um novo tipo de anacronismo em sua crença de que os mesmos valores atravessam os tempos sem maiores embarços. Para Cassirer, o pensamento das Luzes tinha dificuldades em entender o que estava distante e lhe era estranho. De acordo com ele, esta época "... expiou com sobras o seu erro. Essa suficiência do "eu sei mais" (...) gerou inúmeros preconceitos que ainda hoje impedem um julgamento isento do Iluminismo" (1994: 14)<sup>14</sup>. Voltaire crê na evolução de uma natureza humana, sempre igual a si mesma num núcleo vital — o das paixões, das virtudes, dos vícios — mas que conhece desenvolvimentos, uma vez que é de sua natureza evoluir para um estágio de maior perfeição. Segundo Georg Gadamer, o Século das Luzes alimentou a ousadia de pensar que era a expressão de toda a evolução da história humana. Portanto, seria natural que a história iluminista tivesse sido filosófica, a consumação do progresso, o estado qualitativo último (Cf. GADAMER 1988 e CASSIRER 1994: 290). Já para Berlin, a filosofia das Luzes se caracteriza por uma "arrogância cultural", o que redundava em consideráveis anacronismos, como os de Montesquieu em seu estudo sobre a Roma antiga (Cf. BERLIN 1982).

Certamente, nessa historiografia há poucas nuances e tudo é mais ou menos semelhante a tudo. A este propósito, Hannah Arendt refletiu que, "No momento em que se separa inteiramente uma idéia de sua base na experiência real, não é difícil estabelecer uma conexão entre ela e praticamente qualquer outra idéia. Em outras palavras, se admitimos que existe algo como um reino independente de idéias puras, todas as noções e conceitos não podem deixar de ser inter-relacionados, pois nesse caso todos eles devem sua origem à mesma fonte: uma mente humana concebida em sua subjetividade extrema, entretendo-se para sempre com suas próprias imagens, infenso à experiência e sem relação com o mundo, quer seja o mundo concebido como natureza, quer o seja como história" (ARENDR 1972: 102-03). Na obra histórica de Voltaire não nos parece haver um radical fechamento ao sentido da alteridade,

<sup>14</sup> Sobre este problema, cf. a mesma obra à página 301, na qual o autor aborda a contribuição original de Hume, que irá *flexibilizar* esta perspectiva.

das nuances impostas pelo tempo às culturas em meio a seu *devenir* histórico.

Mas, se não há uma decisiva *dureza*, há de fato uma fraca atitude de estranheza em relação ao passado, principalmente no âmbito de seus estudos sobre a história da França e da Europa. Decorre disso não haver também a necessidade do impulso metodológico do desenraizamento, do auto-exílio do historiador em relação ao seu próprio tempo, à maneira de um viajante experiente que, ao penetrar em sociedades exóticas, procura imergir em seus próprios valores, na intenção de compreender o que, a princípio, se lhe afigurava extravagante ou carente de sentido. Mas, inegavelmente, a *fito métrica* de Voltaire – para empregar em outros termos a expressão de Berlin – é mais inflexível frente à análise do passado europeu que em relação às interpretações das variadas culturas extra-européias. Isto porque ele as capta muito mais em termos geográficos que propriamente temporais. Nessa dimensão, tais culturas fazem *fronteira* com sua própria época. Isto para dizer que ele não faz história dos chineses no tempo, mas faz história da China em relação à história da Europa, quase sempre a do tempo presente. Se os diferentes tempos da história da Europa são mais ou menos semelhantes, em sua escala extra-européia serão praticamente idênticos. Assim sendo, como deixar de notar as enormes discrepâncias entre os usos e costumes, que se apresentam ao vivo a quaisquer olhos que estejam abertos?

Tal atitude em relação à história, em que se reconhece os diferentes tempos históricos, mesmo que diante de apenas um século, será obra do historicismo<sup>15</sup> alemão, destinado a se propagar pelo pensamento histórico europeu a partir de fins do século XVIII. No século XVII, os historiadores também estavam a descoberto nessa matéria. Para Bossuet, por exemplo, em sua ânsia de fazer valer uma verdade católica, o tempo histórico era sempre igual. Havia uma identidade eterna no tempo<sup>16</sup>. Mas é preciso afirmar que ler o *Ensaio sobre os costumes* é viajar por todos os continentes. Apesar de ver o mundo como um "...teatro de orgulho e erro", como escreveu no *Poema sobre o desastre de Lisboa* —

<sup>15</sup> Uma conceituação sintética do historicismo – mas nem por isso superficial –, pode ser encontrada no texto de Sergio Pistone em (BOBBIO et alii 1997: 581-584).

<sup>16</sup> Segundo Robert Nisbet, os historiadores que se seguiram a Herder "Tinham um profundo respeito por todas as incontáveis e sutis diferenças que caracterizam a vida dos indivíduos e das nações. Sentir e gozar essas diferenças, simpatizar com todas as formas da vida nacional, era para eles o verdadeiro objetivo e o maior encanto do conhecimento histórico. Para Herder, cada nação era somente uma voz individual numa harmonia universal que tudo abrangia" (1980: 228-229). Acerca de Herder e de sua influência no pensamento histórico germânico e europeu, q. v. (CASSIRER 1994: 307 ss.).

(citado em LAGARDE & MICHARD 1956) —, a tese da obra está nos progressos das nações através dos séculos, sempre proporcionados pelo avanço das ciências e das artes. A visão de Voltaire faz a história dar saltos. Na história dos povos cristãos imperou a barbárie até o século XVII<sup>17</sup>.

Apesar de sempre se referir a uma época de barbárie, a tempos góticos, Voltaire já participa, em alguma medida, da tipologia trinitária que se vai consolidando progressivamente ao longo do século XVIII: selvageria-barbárie-civilização (Cf. FURET S./d.: 202). Contudo, não conseguimos distinguir uma abordagem conceitual desse problema em nenhum de seus textos, até onde alcança nossa memória. Ao que parece, “barbárie” não é propriamente um estágio de civilização, em perspectiva diacrônica, mas um estado de espírito dos povos em sua marcha no tempo. Para Voltaire, parece haver barbárie entre selvagens e civilizados todas as vezes que a loucura e a violência tomam de assalto o gênero humano. Em seu conto filosófico *L’Ingénu*, por exemplo, ele dá mostras de que o estado selvagem não antecede, necessariamente, ao de barbárie, num sentido cronológico estrito, mas lhe é inferior, em nível de civilidade, ao mesmo tempo que pode ser até superior — sob alguns aspectos — ao próprio *Modus vivendi* europeu contemporâneo. Isto porque há também a barbárie dos civilizados. Com efeito, há um pronunciado relativismo histórico nessa obra. As diatribes do Huron, principalmente aquelas dirigidas aos poderes de seu tempo (referimo-nos à monarquia e à sua complexa rede de clientelas), bem o demonstram. Ocorre que a palavra “bárbaro” assume uma conotação extremamente negativa em seu vocabulário histórico e político, podendo significar qualquer atitude ou comportamento incompatível com o gênero humano, em qualquer época e em qualquer lugar.

Depois do século XVII foi um desfile de conquistas do gênero humano. Ao avaliar a obra de Jacob Burckhardt, Peter Gay considera que o grande historiador suíço enxergou muros elevados onde só havia alamedas conectando a Idade Média à Renascença; nas suas próprias palavras, Burckhardt ergue “altas cercas entre épocas históricas onde, na verdade, estendiam-se largas pontes” (GAY 1990: 158). Esta imagem é sugestiva, além de verdadeira, uma vez que a historiografia contemporânea tem ultimamente acentuado a Renascença enquanto herdeira das realizações da Idade Média, muito mais que das influências da

---

<sup>17</sup> Acerca do uso e abuso de Voltaire em relação ao termo “bárbaro”, M. Duchet lembra que o autor o emprega nada menos que sete vezes no capítulo de conclusão do *Ensaio*: “A palavra está em relação com um conjunto de termos como ferocidade, grosseria, ignorância, imbecilidade, absurdo, fanatismo, que são de um emprego mais restrito, no mesmo campo lexical” (DUCHET 1995: 313).

cultura greco-romana, como adverte Jean Delumeau em sua análise sobre “a promoção do Ocidente” (Cf. DELUMEAU 1984). Ao que parece, a reflexão de Peter Gay também é pertinente à análise da idéia de tempo histórico em Voltaire porque, para o Patriarca de Ferney, a época de Luís XIV destroça por completo o “edifício gótico medieval”. O Voltaire historiador se preocupa em ser preciso quanto aos eventos. Contudo, não faz da cronologia um meio de vida para sua história. Para Pierre Chaunu: “A sua cronologia situa-se no meio termo entre a periodização tradicional, que é catastrófica, e o tempo contínuo e cíclico de Kant e Hegel” (CHAUNU 1985: 261 vol. 01).

Creio que esta interpretação seja acertada, haja visto que, se as interpretações cíclicas do tempo histórico, herdadas do humanismo renascentista, tendem a identificar a última época — no caso, o século de Luís XIV — como a fase que abre o período de declínio e queda, em Voltaire há margem para um desenvolvimento em espiral, porque a história se faz por marchas e contra-marchas. É bom lembrar que a concepção hegeliana da história passa pela idéia de uma aceleração progressiva da humanidade, engatada com a noção da existência de um povo universal-histórico, que em cada grande época encarna o espírito do progresso. Desse modo, a história da humanidade é a história da preponderância de uma nação no conjunto da civilização. Não há regressão, e quem vem por último encontra-se em condições de ser superior aos predecessores. Para J.-M. Goulemot, no verbete do *Dictionnaire des Sciences Historiques*, não há margem para dúvida de que Voltaire “... recusa uma visão cíclica da história, necessariamente pessimista, para substituí-la por uma visão linear do devir histórico, revelando uma crença no progresso do espírito humano” (GOULEMOT em BURGUIÈRE 1990). Para K. Pomian, o próprio programa voltairiano já é indício e prova suficientes para se ter certeza de que Voltaire vê a história transcorrer numa perspectiva linear: “Ora, estes objetos — população, manufaturas, comércio — tornam particularmente flagrante o caráter linear e cumulativo do tempo”. E mais à frente: “Dito de outra forma, um retorno à barbárie parece, de hoje em diante, excluído. O tempo, que era oscilatório no passado, torna-se linear” (POMIAN 1994: 56 e 125, respectivamente).

Como tentamos demonstrar, a história de Voltaire não é servida em fatias cronológicas menores, mas oferecida em grandes porções. A visão de conjunto predomina sem qualquer sombra de dúvida. Sua tendência em periodizar a história suplanta a necessidade de datá-la. O seu tempo histórico está calcado em uma periodização implícita. Não que o autor desconsidere as datas precisas. Mas vai privilegiar as passadas largas. Isto para dizer que a idéia de grandes épocas, a divisão da história por séculos, por exemplo, é recorrente em sua obra. É muito

comum ele tomar os reinados para demarcar sua história<sup>18</sup>. De fato, ele é muito bom em perceber grandes tendências, os traços mais fortes que definem uma época inteira. Esta história por atacado encontra-se sintetizada logo no início do *Século de Luís XIV*, quando o autor expõe sua concepção dos *grandes séculos* da história, os século de Péricles, de Augusto, de Leão X e, o maior de todos, o de Luís, o Grande (Cf VOLTAIRE 1957: 616-617).

## **Fontes**

VOLTAIRE.

Remarques sur l'histoire. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard, 1957, (Collection Bibliothèque de La Pléiade, texte établi, annoté et présenté par René Pomeau).

Nouvelles considérations sur l'Histoire. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard, 1957.

Histoire de Charles XII roi de Suède. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard, 1957.

Histoire sur l'Empire de Russie sous Pierre le Grand. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard, 1957.

Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard, 1957.

Défense de Louis XIV contre l'Auteur des *Éphémérides*. In: *Oeuvres historiques*. Paris, Gallimard, 1957.

Cartas Inglesas. In: *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Tradução, seleção de textos e consultoria da apresentação de Marilena de Souza Chaui).

Dicionário Filosófico. In: *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Para esta obra, os verbetes assinalados com asterisco, conforme nota na página de rosto da edição, foram traduzidos por Marilena de Souza Chaui. O restante da obra foi traduzido por Bruno da Ponte e João Lopes Alves).

---

<sup>18</sup> Um exemplo dessa estratégia pode ser encontrado em suas obras de ficção, nas *Lettres d'Amabed*, mais especificamente, texto no qual situa sua narrativa nos seguintes termos: "...ano correspondente ao nosso de 1512, tempo em que reinava Babar na Mongólia, Ismael Sophi na Pérsia, Selim na Turquia, Maximiliano I na Alemanha, Luís XII na França, Júlio II em Roma, Joana, a Louca, na Espanha, Manuel em Portugal. (VOLTAIRE 1994: 681).

*Essai sur les mœurs*. Paris, Bordas, 1990. (Presentée par R. Pomeau).

Les Lettres d'Amabed, etc. In: *Romans et contes*. Paris, Librairie Générale Française, 1994. (Préface d'Édouard Guitton).

## **Bibliografia**

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. *Da violência*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985.

BARRIÈRE, P. *La vida intelectual en Francia desde el siglo XVI a la época contemporánea*. México, UTEHA, 1963

BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1982.

BOBBIO, N. et alii. *Dicionário de política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997.

CASSIRER, E. *O mito do Estado*. Lisboa, P. E. A, 1961.

\_\_\_\_\_. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. La historia. In: \_\_\_\_\_. *Antropología filosófica*. México, F. C. E., 1997.

CHAUNU, P. *A civilização da Europa das Luzes*. Lisboa, Estampa, 1985, 2 vols.

CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1996.

DELUMEAU, J. *A civilização do Renascimento*. Lisboa, Estampa, 1984. Vol. 01.

DUCHET, M. L'anthropologie de Voltaire. In: *Anthropologie et histoire au Siècle des Lumières*. Paris, Albin Michel, 1995.

FURET, F. *A oficina da história*. Lisboa, Gradiva, s/d.

GADAMER, H. G. Historicidade. In: VEYNE, Paul et alii. *História e Historicidade*. Lisboa, Gradiva, 1988.

GAY, P. *The Enlightenment, an Interpretation. The Science of Freedom*. New York, W. Norton, 1970.

- \_\_\_\_\_. *O estilo na história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- GOULEMOT, J.-M. Voltaire. In: BURGUIÈRE, A. *Dictionnaire des sciences historiques*. Paris, PUF, 1990.
- GOULEMOT, J.-M. & WALTER, E. Les centaines de Voltaire et Rousseau: les deux lampions de Lumières. In: NORA, P. (org.) *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.
- GUSDORF, G. L'éveil du sens historique. In: *Introduction aux sciences humaines*. Paris, CNRS, 1960.
- HAZARD, P. *Crise da consciência europeia*. Lisboa, Cosmos, 1971.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento europeu no século XVIII*. Lisboa, Presença, 1989.
- KOSELLECK, R. *Le futur passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris, EHESS, 1990.
- LAGARDE, A. & MICHARD, L. *XVIII Siècle. Les Grands Auteurs Français*. Paris, Bordas, 1956. (Collection Textes et Littérature).
- LEFEBVRE, G. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Barcelona, Martinez Roca, 1974.
- LE GOFF, J. et alii. *Memória-história*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984.
- NISBET, R. *História da idéia de progresso*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.
- PISTONI, S. Historicismo. In: BOBBIO, N. *Dicionário de política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997. Vol. 01.
- POMEAU, R. Introduction. In: VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs*. Paris, Bordas, 1990. Vol. 01.
- \_\_\_\_\_. *Voltaire*. Paris, Seuil, 1994a.
- \_\_\_\_\_. Présentation. In: *Politique de Voltaire*. Paris, Armand Colin, 1994b.
- POMIAN, K. *L'ordre du temps*. Paris, Gallimard, 1984.
- REIS, J. C. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo, Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A História — entre a filosofia e a ciência*. São Paulo, Ática, 1996a.
- \_\_\_\_\_. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e *Annales*: uma articulação possível. *Síntese Nova Fase* v. 23, n° 73 (1996) 229-252.

---

SALIBA, E. T. Temporalidade e história em Descartes. *Ciência e cultura* n° 11 (1988) 1080-1085.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

Endereço do Autor:  
Rua Mem de Sá, 2323  
85960-000 Mal. Cândido Rondon — PR